

TERRA

Semanário Anarquista

LIVRE

N.º 19—1.º ANO

Dirêtor: PINTO QUARTIM

Publica-se ás 5.ªs feiras

Editor: JAIME DE CASTRO

Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVRERedação e administração
Rua das Gaveas, 55, 1.ºComp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS
R. do Poço dos Negros, 87

PREÇO 20 RS.

Espediente

AOS AJENTES

Nos nossos agentes pedimos o favor de liquidarem imediatamente as suas contas relativas ao mês de maio, devendo enviar-nos as sobras que deverão trazer o endereço e o nome de quem as remete e a localidade de onde são enviadas.

AOS ASSINANTES

Quem simpatizar com «*Terra Livre*» achando útil a sua publicação regular, não deve esperar que se lhe envie o recibo de cobrança. Para não nos sobrecarregar com trabalho e ocasionar despesas inúteis de correio, deve enviar a esta administração, com a maior brevidade, a importância da sua assinatura, afim de não dificultar a existência desta publicação.

A SITUAÇÃO

Estamos atravessando uma situação verdadeiramente escandalosa.

O estúpido e brutal atentado do dia 10, sobre o qual, em carta dirigida á imprensa e no nosso ultimo numero, já tivemos ensejo de espôr, franca e lealmente, como homens e como anarquistas, a nossa opinião, veio servir de pretexto a uma perseguição aberta contra os que, pela sua inteligência e pela sua dedicação, se tornam cabeças mais ou menos visíveis entre a numerosa falange dos peoneiros da Ideia. Assim, entre outros, encontra-se preso o nosso querido camarada e dirêtor Pinto Quartim. Todos os que o conhecem, companheiros de Ideal ou simples amigos, sabem perfeitamente, que ele seria incapaz, como homem inteiramente compenetrado dos atos e generosos principios filosofico-sociais que professa, de provocar, aconselhar, ou sequer aplaudir a torpe violencia ha dias ocorrida na rua do Carmo, ele e todos quantos aqui trabalham, como todos aqueles que honrada e desasombradamente, em obediencia aos ditames da sua consciencia

e do seu coração, veem desfaldando em terras de Portugal o labaro immaculado da Anarquia, apontando ás multidões que sofrem, os esplendidos e largos caminhos a seguir para a conquista integral de um redentor futuro de liberdade e de felicidade para todos. Nenhum anarquista, verdadeiramente digno deste nome, poderia sancionar, com o seu aplauso, o crime cometido. Nenhum. A isso se opõem, formalmente, os principios essencialmente humanitarios que abraçamos e defendemos. A indignação que o povo de Lisboa esperimentou apoz a realisação daquela monstruosidade não foi, de certo, sob nossa palavra o afirmamos, nem mais intensa nem mais sincera do que a nossa, logo que do facto tivemos conhecimento.

Todavia, Pinto Quartim continúa preso, longe da familia que adora e dos amigos e companheiros que o estremecem... Que pretendem fazer dêle, do honesto e lealissimo lutador? Provado, como está, que êle não teve, que não podia ter, de nenhum modo, a menor interferencia, dirêta ou indirêta, no hediondo atentado, porque o reteem ainda, como um feroz criminoso, na sinistra Bastilha do Limoeiro? Sim, porque? E os outros, que julgamos tão inocentes como êle, porque continuam também participando do seu injusto cativeiro?

Mas ainda ha mais.

O quiosque Elegante, um modesto estabelecimento de que era proprietario um tio do atual ministro do Fomento, foi, minutos depois do odioso atentado, reduzido a cinzas por um grupo de populares, crimosamente açolados não o sabemos por quem. O motivo? Este: costumavam reunir ali, de ha muitos anos, em amena e inofensiva palestra, á vista de todos, sem segredos para ninguem, alguns elementos operarios, conhecidos pelas suas ideias avançadas... Tanto bastou para que esse estabelecimento, com incalculavel prejuizo do seu proprietario — um velho republicano — fosse pasto das chamas, perante os benevolos olhares da policia e dos seus chefes...

E, consumada que foi esta inqualificavel violencia, logo esses individuos, atroando os ares com gritos de morte contra anarquistas e sindicalistas,

se dirijiu de tropel á Casa Sindical, que se encontrava, como é sabido, encerrada por ordem do governo, assaltando-a com uma ferocidade incrivel e destruindo o que puderam destruir. Ninguem os interrompeu na sua faina demolidora, ninguem, nem a propria policia, procurou oppor-se, consoante o mais rudimentar bom-senso aconselhava, á consumação d'essa não menor nem menos odiosa violencia. Mais tarde, depois de plenamente satisfeitos os seus ruins intentos, esses individuos passearam livremente por algumas ruas de Lisboa, ostentando como trofeus diversos destroços da Casa Sindical e do estabelecimento mencionado. Ninguem os procurou, ninguem os convidou a responder pelos seus atos... Impunemente fizeram quanto lhes apeteceu e... impunes ficaram. Ninguem os conhece, ninguem sabe os seus nomes...

Disto se infere que tudo quanto redunda em prejuizo e afronta do proletariado consciente se pode afoitamente praticar neste país... De tudo isto se conclue que só da cadeia são dignos aqueles que, como Pinto Quartim e os seus companheiros, inocentes se encontram de todas as culpas.

Eis a situação em que nós, os anarquistas, os lutadores do Futuro, os que sincera e lealmente vivem combatendo pela emancipação de todos os que trabalham e de todos os que sofrem, pelo bem-estar e pela dignificação de toda a Humanidade, nos encontramos presentemente.

Protestar, para quê? De que valem protestos quando á força da Razão se opõe a razão da Força?

DO NATURAL

Os Tecelões!

Linhas e purpuras, veludos e setins...

E as suas carnes magras tiritam sob farrapos nauseantes, retalhadas pela navalha do frio impiadoso...

Olhai aquela triste e palida mócinha de cabelos d'ouro e olhos de estrela, linda e melindrosa como uma princeza de balada, tecendo as telas sumptuosas que ão de vestir, um dia, as filhas bemaventuradas dos reis e dos banqueiros...

Linhas e purpuras, veludos e setins...

E os seus esfarrapados e sujos vestidos de trabalho mal encobrem, vêde, a torturada nudez do seu corpinho orijinal!

JOSÉ BACELAR.

Factos e comentarios

Os anarquistas e o atentado

Foi com satisfação mas não com surpresa que vimos na *Aurora*, semanário anarquista que se publica no Porto, não só que aquele nosso querido colega, irmão em ideias, estava de pleno accordo com a carta que a redação da *Terra Livre* enviou para os jornais repelindo o ato do dia 10, mas ainda a tradução, em fundo, do artigo de Errico Malatesta sobre «o terrorismo» que nós também publicámos no numero passado.

A perfilhação absoluta do nosso protesto pelo nosso colega *A Aurora* e, ainda mais, a publicação simultanea do artigo de Malatesta, sem combinação previa entre os grupos editores, mostram bem como nós anarquistas nos encontramos todos ligados por ideias comuns, pelo mesmo pensamento.

A afirmação que fizemos de que a bomba de domingo não foi lançada pelos anarquistas, não é, pois, uma afirmação gratuita, feita ao acaso para fugir a responsabilidades. Ela resulta das proprias doutrinas, da propria ideia anarquista. Alem disso, assim como a mesma profissão determina nos individuos que a desempenham uma psicologia especifica, assim os individuos que professam e sentem as mesmas ideias teem também uma psicologia propria. E assim eziste uma psicologia anarquista, como eziste uma psicologia militar e uma psicologia politica. Daí o facto de todos os anarquistas serem unanimes em repudiar aquele ato não só por coerencia com as suas ideias como porque á sua moral, á sua psicologia esse ato repugna.

Que importa que o individuo que a lançou se intitule anarquista, se o seu ato está perfeitamente em desacordo, em contraposição com a doutrina e com a moral do anarquismo? Para se ser anarquista não basta dizer-se que é. E' preciso que se seja de facto, isto é, de ação, pelo seu caráter, pelos seus costumes.

E' preciso ter-se sempre em vista o que já aqui tivemos ocasião de dizer: nem todos os que se dizem anarquistas o são, e nem todos os que o são se dizem. Não é pelas palavras que se conhecem os anarquistas mas pelas suas ações.

Quem deitou a bomba?

Na carta que, no dia do atentado, a redação da *Terra Livre* se apressou a enviar a todos os jornais, condenando e repelindo os sucessos da rua do Carmo, dizia-se que o lamentavel e estúpido atentado havia sido praticado pelos inimigos do sindicalismo, por aqueles que teem interesse em aniquilar o movimento operario.

Estes inimigos evidentemente só podem ser os monarchicos ou os republicanos, os jesuitas ou os socialistas que concordam com as ideias do despresivel e desprezado deputado M. J., espendidas numa entrevista por ele mesmo escrita para o *Seculo*, pois que, dado o mal que para a propaganda e organização sindicalista desse ato havia de resultar, ele não podia ser pensado e praticado por amigos sinceros da organização sindical operaria e partidarios do sindicalismo.

Isto é lojico; isto é claro como agua. O contrario disto é que seria inadmissivel.

Difícil é, senão mesmo impossível, por motivos que o leitor apoz dois minutos de reflexão achará, poder-se confirmar esta nossa suposição, mas o que é certo é que, com grande espanto e não menos satisfação, vemos que alguns jornais que não são monarquicos nem revolucionarios, mas simplesmente republicanos, deixam transparecer a mesma desconfiança, como o leitor verá nas transcrições que neste numero fazemos de varios jornais.

De acordo

L. Jonhau, secretario geral da Confederação Geral do Trabalho, o grande e forte baluarte do proletariado revolucionario francez, ocupando-se, na *Bataille Syndicaliste* do projeto Chéron, a que no nosso ultimo numero nos referimos, conclue:

«Os governantes mostram, no caso, uma candura infantil; podem á vontade rejer e conduzir parlamentares; nunca dirijirão o proletariado consciente e esclarecido.»

Plenamente de acordo.

Bradando no deserto

Voltou a censura á imprensa, que nenhuma lei da Republica permite, como se sabe. Mas, como sempre, em todos os regimes e em toda a parte sucede, o governo, quando lhe apraz, salta por cima de todas as leis e está-se nas tintas para a legalidade cujo uso eles tanto reclamam para os outros. E por assim ser desde que a astucia de uma minoria inventou as leis, e porque assim é e assim continuará a sêr, eis porque nós anarquistas não ligamos importancia alguma ás regalias escritas no papel pelos enfatuados que a imbecilidade humana encarregou de fazer leis.

Os jornais *O Dia*, *O Intransigente*, *As Novidades*, *O Socialista* e o *Talassa*, foram por varias vezes apreendidos, tendo sido, no entanto, todos eles unanimes em verberar com energia o atentado da rua do Carmo. Mas, então, porque seriam as apreensões? Dizem-nos que por causa de certos comentarios que alguns desses jornais faziam ás perseguições feitas aos sindicalistas a pretexto da explosão da bomba e ás provocações e insultos que a imprensa afeta ao governo lançava aos mesmos, cobardemente, visto que a ocasião não era de molde a eles poderem defender-se e repelir os ultrajes. Assim não é explicada, por alguém, o motivo da apreensão e censura dos jornais mas nós não acreditamos porque o sr. Afonso Costa é teso, tesissimo, muito teso mesmo, hiper-teso, suprateso e não tem medo nenhum da imprensa, da opinião publica, dos seus adversarios nem dos seus proprios correligionarios. Demais quem como S. Ex.^a não deve, nada tem a temer.

E lembrarmos nós que o *Mundo* pretendeu, em condições semelhantes, processar o governador civil de Lisboa no tempo de João Franco por abuso de autoridade!!

Bem sabemos que protestar contra esta violencia é bradar no deserto, mas nem por isso deixaremos de registar o facto fazendo sentir a nossa mais energica reprovação.

Varios gestos de selvajaria

O *Revolucionario*, semanario republicano radical e propriedade de um grupo de revolucionarios, publicava em *en-tête* subordinada aos titulos *Um ato de cobardia* — *Varios gestos de selvajaria*, o seguinte protesto que registamos pela coerencia e espirito de justiça que o torna sobremaneira nobre.

«O *Revolucionario*, cumprindo coherentemente o seu programa, condena o ato cobarde que ao fundo da rua do Carmo lançou na morte e na tortura da impossibilidade de trabalho cidadãos inocentes e despreocupados, acto que denota os mais requintados instintos de ferocidade e de desumanidade.

Na mesma coerencia não pode tam-

bem sancionar este semanario com o seu silencio as selvajarias que depois se praticaram contra um quiosque e arvores do Rocio e contra a Casa Sindical.

Se aquele mortifero atentado revela sentimentos baixos, vis e infames, não menos repugnantes, estupidos e criminosos são os praticados por esse grupo de maldosos que se comprazeram em lançar o fogo e barbaramente destruir o que lhes não pertencia e que era propriedade de individuos gozando dentro da Republica dos mesmos direitos e das mesmas regalias que a Constituição confere a todos os cidadãos portugueses.

Contra todos esses atos dum canibalismo feroz e duma crueldade revoltante lavramos o nosso mais sincero e veemente protesto, conscientes de que interpretamos o sentir de todos os homens de bem e de todos os que dedicadamente amam e servem a Republica.»

Interpretará, interpretará, mas então são muito poucos os homens de bem deste país e os que amam e servem dedicadamente a Republica, porque não vimos publicado por mais ninguém esta sensata doutrina nem secundado tão nobre protesto.

Liberdade democratica

No mesmo jornal encontramos este pedacinho de prosa justa que, por ser de bom criterio, não resistimos á tentação de transcrever:

«Quando no dia 16 mão criminosa lançou sobre o cortejo camoneano um petardo mortifero, alguns exaltados ou maliciosos lançaram fogo a um quiosque do Rocio e dirijiram-se á Casa Sindical partindo todos os vidros, caixilhos, cadeiras, arrombando portas e praticando outros atos pouco proprios de criaturas que se dizem viver numa cidade civilisada.

Não contente com isso e com a manifestação de loucura e de abuso de liberdade que denotaram todos aquelles excessos, a mesma multidão, ou outra parecida, atacou insolita e ignobilmente o teatro «Ginasio» onde se realisava uma recita e onde se encontravam varias pessôas afetas ao sr. D. Manuel de Bragança, outras ao sr. dr. Manuel d'Arriaga e ao sr. Afonso Costa e grande maioria de representantes de nações estrangeiras.

Vejam que republicanos e que revolucionarios que só querem para si a liberdade de atacar e de destruir sem respeito pela liberdade dos outros, pela casa do cidadão e pela conservação do corpo de quem não se quer intrrometer no serviço policial amador.

Com tais defensores mal vai á Republica.»

Não entende assim *O Mundo* que justifica e acha natural e muito bem todos esses atos. Ao incendio do quiosque e ao assalto á Casa Sindical chama ele uma natural e espontanea manifestação de protesto e de vindicta popular!

Ao assalto do teatro do Ginasio em que, segundo *O Seculo*, houve bengaladas e tiros, panico na sala e confusão, *O Mundo* chama uma patriótica manifestação republicana!!

Os inimigos da sociedade

Gazetas burguezas informavam, ha dias, por intermedio da *Havas*, que «o sr. Etienne, falando num concurso de tiro, mostrou a necessidade da lei de 3 anos e acrescentou:

A França tem 470.000 soldados contra a Allemanha, que possui 880.000. O governo teve a coragem de pedir ao paiz sacrificios pesados mas indispensaveis, porque não quer que ele seja presa do estrangeiro; não queremos ser vassallos ou satelites da Allemanha; marcharemos para esse fim, quaisquer que sejam as dificuldades e triunfaremos porque nele está a salvação e a vitória de amanhã. Queremos a paz com dignidade, mas, se formos atacados, acompanhados pelo paiz inteiro, pelo incomparavel corpo de officiais que todos os estrangeiros invejam, porque é o mais instruido e dedicado, e pelos admiraveis officiais inferiores

que possuímos, marcharemos para a victoria que deverá ser estrondosa.»

Esta *estrondosa victoria* seria, é claro, o massacre, a mutilação de 880.000 homens e a miseria, o luto e a dôr de tantas outras familias!

No entanto, somos nós, os anarquistas, os que proclamam ideias de paz, e de amor—os *inimigos da sociedade*.

Cá e lá...

Do nosso querido colega *Germinall* de S. Paulo (Brasil):

«O jornalismo de alta banca, gastos de tinta e resmas de papel, para demonstrar que temos uma constituição liberalissima, que garante todos os direitos do cidadão.

Não discutimos isso, porque é perfeitamente inútil: a constituição poderia ser muito mais liberal e haver menos liberdade da que realmente existe.

Não falamos das liberdades da lei, falamos das liberdades de facto, e estas encontram-se na ponta das baionetas, na prisão e na deportação.

A falta absoluta de liberdade e de direitos revela-se nas proprias lutas politicas, em que os «capangas» resolvem á faca e a tiro quais hão de ser os representantes da República.

As democracias estão aqui representadas por oligarquias que resolvem em familia as magnas questões da *soberania popular*.»

Quer dizer: cá e lá...
O leitor sabe o resto.

Páginas alheias

Porque somos contra toda a sorte de violencias; porque somos contra as injustiças sociais, e porque somos humanos e alimentamos sentimentos de justiça; porque pugnamos pelos direitos do povo sofredor, apontando-lhe a origem dos seus males na má organização da presente sociedade, baseada no despotismo e na exploração do homem pelo homem; porque proclamamos bem alto a verdade, dizendo ao povo que se quer que do seu lar desapareça a miséria, deve emancipar-se da burguezia, por que é ela que... o reduz ao triste estado de penuria em que se encontra; enfim, porque queremos que a humanidade viva em harmonia, sem nutrir entre si o ódio de raças e de classes, (resultante da desigualdade) do qual derivam as causas dos conflitos e das guerras entre os povos, sacrificando vidas preciosas em gôzo do mais sorridente período da existencia, e cujas vidas são arrancadas pelos homens dos governos, do seio das familias proletárias, dos campos, das oficinas e do convívio social; porque somos contra todas estas barbaridades e sonhamos para a humanidade um futuro de felicidade, a burguezia qualifica-nos de agitadores e perturbadores da ordem; quando esgota estes «argumentos» qualifica-nos de bandidos, e quando caímos nas suas mãos encarcera-nos, tortura-nos, assassina-nos e deporta-nos, perpreitando estes crimes perversos á sombra da Lei!

No entanto, a nossa ideia é uma ideia sublime, grandiosa e cheia de amor pela humanidade.

Zeferino Oliva.

Movimento sindicalista

Teem reunido regularmente a Comissão Ezeutiva do Congresso Sindicalista e a União dos Sindicatos. Em sessão conjunta, ultimamente efetuada, foi aprovado o seguinte documento:

«A Comissão Ezeutiva do Congresso Sindicalista e a União dos Sindicatos de Lisboa, reunidas em sessão conjunta, a 18 do corrente, apreciando o atentado de 10 e suas consequências, constata:

1.º — Que se o atentado de 10, foi, como se pretende demonstrar, cometido por proletarios, êle é um produto do ambiente propicio que se criou, sendo seu principal agente imediato e indirêto o atual governo que, imprudentemente, coartou todas as garantias individuais e descurou as questões economicas;

2.º — Que, como causas mais remotas, se devem apontar a propaganda demolidora, larga e persistentemente desenvolvida antes do ato revolucionario de 5 de outubro de 1910, propaganda contraproducente para quem aspirava a governar, tendo em linha de conta a falta de preparação das massas, a quem taes doutrinas, irrealizaveis dentro dum programa governativo, eram prégadas;

3.º — Que da mesma forma a apologia do ato violento e o fabrico e uso da bomba explosiva fôram largamente aconselhados pelos mesmos que hoje ocupam as cadeiras do poder, mantendo ainda hoje agrupamentos chamados carbonarios, cujas funções se não modificaram e a quem se deve uma boa parte senão todos os tumultos provocados nêstes dois ultimos anos;

4.º — Que em todas as escolas politicas, desde as mais conservadoras ás mais avançadas, lavra nêste periodo um setarismo intenso que prejudica a serena discussão dos principios e impêlo ao mútuo aniquilamento dos adversarios pela guerra pessoal;

5.º — Que a organização sindicalista não póde perfilhar este como quaesquer outros atentados desta natureza, visto que só pelo fôro intimo dos individuos podem sêr ditados;

6.º — Que entre os indigitados autôres do atentado não figura um só que seja conhecido e tenha responsabilidade no movimento operario sindicalista;

7.º — Que tanto o governo está capacitado da inculpabilidade dos militantes operarios sindicalistas que, prendendo alguns dêstes, os não sujeitou a incomunicabilidade e acareações, para apuramento das suas responsabilidades no atentado de 10.

Em face do esposto e da situação, a Comissão Ezeutiva

do Congresso Sindicalista e a União dos Sindicatos de Lisboa resolvem, em harmonia com os considerandos supras, envidar todos os seus esforços para que se restabeleça a normalidade constitucional, tornando um facto os direitos de liberdade de pensamento, de imprensa, de associação e de reunião, bem como pugnar pela breve solução de medidas de carácter económico, colaborando numa acção comum para atingir este fim, com todas as colétividades, sem quebra dos seus compromissos doutrinários.

A Comissão Executiva do Congresso Sindicalista e a União dos Sindicatos de Lisboa, reúnem novamente no próximo dia 20, no local e horas do costume, para proseguir nos seus trabalhos.

Comissão Executiva e União dos Sindicatos de Lisboa.

Os deserdados

VI

Nós produzimos, vós dissipais. As riquezas proveem de nós, vós absorvei-las: a isto chamais governar! Classe privilegiada, corpo distinto que nos é estranho, formai a vossa nação à parte e vereis como subsistis.

Volney.

O patrão submete o operário ao jugo esmagador dum trabalho desumano e violento-mente á obediência passiva; como misero carneiro leva-o á urna a manifestar a *expressão unica* do pensamento; pelo salario fornece-se de carne de oficina, de canhão, de prostituição; a trôco de algum alcool, leva-o a esquecer a miseria que enluta o destelhado tugurio, sem luz nem ar, onde a próle raquitica e anémica se estiola á falta de substancioso alimento; por um aperto de mão com que o embriaga, fa-lo soltar, num entusiasmo sempre crescente, vivas á patria, ao rei, ao João ou ao Francisco, conforme as circunstancias aconselham, se não a todos conjuntamente.

Eis o direito das gentes, mas das gentes que produzem!

E' bem vizível que a causa de todo este mal estar deriva da ganancia capitalista aliada de deus e do Estado, contra a qual urje reagir, sob pena de, em curto espaço de tempo, o proletariado ser aniquilado pela lei de bronze reduzida ao minimo.

Todo o animal possui em grau eminente o instinto de conservação propria e da especie, lei basica da vida.

Ora este instinto fundamental, devido á prova dura a que o explorador submeteu o produtor no cadinho capital, parece já obliterado nas massas tra-

balhadoras, compostas de seres imbuídos de todos os prejuizos e vícios atávicos.

A historia, com os seus inumeros ensinamentos, diz-nos que a Humanidade jámais avançou um passo que não fosse por meio da luta, e que os povos que não lutam, perecem ingloriamente. E' preciso recuperar o perdido; é preciso conquistar a posse em comum do patrimonio da humanidade: — solo, subsolo e todos os instrumentos de trabalho, é preciso que a terra e o capital sejam de todos não sendo de ninguém.

Lameère, dizia: «A anarquia é uma forma superior de socialismo. Quem estudar a evolução dos seres, não deixará de considerár a anarquia o complemento intelectual da nossa evolução científica.»

Estudando as diversas formas de socialismo, as diferentes escolas socialistas, compenetrámo-nos de que a anarquia é a ultima solução dada ao progresso científico obtido nos sistemas sociais, atento o pensamento humano da nossa epoca.

Indecisos ou inimigos declarados da anarquia, homens de carácter e de coração, embora não sejam intelectuais, mas apenas estudiosos inteligentes, reconhecerão a verdade contida nas palavras de Lameère, e, não se armando de uma requintada má fé, jámais atrever-se-ão a dementi-las.

A Anarquia é a mais alta e sublime concessão filosofica do seculo 18.º, ou por outra forma, vai até á negação do salario.

A's gerações futuras está reservada a mais bela das revoluções: a revolução social.

Gulpilhares, 1913.

Manuel Luiz da Costa Junior.

Cronica internacional

NOS ESTADOS UNIDOS

nestes ultimos tempos, a ideia da greve geral contra a guerra tem feito importantes progressos entre o respectivo proletariado. Em face dos boatos dum conflito com o Japão, um certo numero de grandes organizações sindicais dos Estados Unidos resolveu manifestar-se enerjicamente sobre o assunto.

Assim, a União dos mineiros do Illinois, que conta 82.000 sindicados, decidiu no seu recente congresso responder a toda a declaração de guerra entre os Estados Unidos e o Japão com a proclamação da greve geral.

Uma proposta semelhante será apresentada em seu nome no próximo congresso organizador das «United Mine Workers of America».

NA INGLATERRA

durante o ano findo, segundo a estatística recentemente publicada pelo ministerio do Comercio, houve 831 greves.

Grevistas e não grevistas, em numero de 1.720.000, obtiveram um aumento de salarios equivalentes a 3.275.000 fr. por semana—170.300.000 francos por ano ou sejam cerca de trinta e cinco mil contos na nossa moeda.

Aonde querem eles chegar!

Presados camaradas:

Ha dez dias que eu e os companheiros José Luiz dos Reis, Pedro Vicente, José dos Reis Assunção e Joaquim Ribeiro, fomos presos em Olhão e um dia depois é ali também preso o companheiro Francisco Antonio Amaro, tendo sido os primeiros na madrugada de 1 do corrente removidos para a cadeia de Faro, onde permanecemos dois dias, num imundo e infecto calabouço, o qual só poderia servir de habitação a brutos e não a seres humanos, jámais presos por factos desconhecidos.

Segue-se a... fita: no dia 2, lá viemos caminho de Lisboa, acompanhados da respectiva escolta, com a competente baioneta calada, dando entrada no imundo edificio, a que chamam Governo Civil; no dia 3 chega também o nosso companheiro Francisco Antonio Amaro, que vem dirétamente de Olhão.

Depois de um dia de permanencia neste hospitaleiro edificio, somos removidos para o Limoeiro onde nos encontramos hospedados no Grupo E, sem que até á data tenhamos encontrado uma caridosa criatura que se digne interrogarnos, afim de vermos se sabemos de que somos acusados.

Descrever aqui o procedimento dos nossos detentores e falsos caluniadores e das respectivas autoridades e guarda pretoriana, torna-se desnecessario, pois que, por todos nós, já são conhecidos os processos canibais de tais feras.

No entanto, temos tido o praser de ver diferentes correspondencias no *Seculo*, falando-se só em greves, o conflito não se resolve, ha socego, o sr. Santareno conferenciou com os industriaes, o sr. Santareno conferenciou com a autoridade, etc. . .

Ora nós gostavamos que o illustre e benemerito detentor de penhores, nos dissesse que temos nós a ver com essa greve ou S. Ex.ª não saberá, que foram os srs. industriaes que sobre nós empregaram o *lock-out* encerrando-nos as fabricas?

Ou então S. Ex.ª anda comprado pelos não menos detentores e parasitas locais?

Não sabemos bem a quem devemos a responsabilidade da nossa estada neste feliz palacio, mais calculamos. . . e lembre-se bem que nós não estaremos para sempre aqui e pessoalmente nos desafrontaremos, um

dia em que tenhamos liberdade, mas em palavras francas, sinceras e puras, ditadas de uns corações revoltados com tantas injustiças que só os patriás sabem dizer.

Em igualdade de circunstancias também aqui se encontram os camaradas Luiz Maria Godinho e Manuel Dimas da Silva, do sindicato rural de Ferreira do Alentejo; Joaquim Valadão, do sindicato rural da Figueira dos Cavaleiros e Joaquim Ignacio Palma do sindicato de Evora, encontrando-se este em Ferreira em procura de trabalho; em Beja tomaram o comboio em que nós vinhamos, sendo estes falsamente acusados, segundo noticia no *Seculo*, de agitadores á greve na classe dos rurais.

No meio de tudo, confiados estamos que todos os camaradas sem distincção de classes, mais uma vez se convencerão que nada podemos nem devemos esperar de governos e nas mesmas condições esperamos, que todos se lembrem que são todos para um e um para todos e que a emancipação dos trabalhadores hade ser obra dos mesmos; portanto que nenhuns nos esqueçam, tanto moral como materialmente e sempre e com mais coragem não tenham medo como eu, de soltar um verdadeiro e sincero viva:

Viva a Emancipação Social!
Viva quem tudo produz!

Limoeiro, 10-6-913.

Vosso camarada amigo

Francisco Lopes de Sousa.

Falam os politicos

O Estado, seja-nos licito dizer-lo, é muito antipatico. Nada mais antipatico do que uma abstracção dispendiosa e o Estado é essa abstracção. — *João Chagas.*

— Não devemos, sensata e refletidamente, acreditar em boas reformas *espontaneamente outorgadas*. Os governos, *voluntariamente* só dão dinheiro aos militares, policas ou eleicoeiros: a quem imponha receios, a quem defenda arbitrios ou a quem possa sustentar-lhes as vaidades inglorias e ruinosas. — (Da «Educação Nacional»).

— O rejimen da distribuição das riquezas naturais, que são patrimonio comum; o rejimen da exploração do trabalho de milhões de trabalhadores; o rejimen que estabelece a opulencia de uma parte da humanidade e a miseria edionda da outra parte: o rejimen que estabelece o roubo, pelo imposto e o assassinato, pela miseria; o rejimen, enfim sobre que assenta esse maquinismo social que se denomina Estado, é a mais horrorosa e monstruosa criação do espirito umano. — (D'«O Combate»).

— A lei em vez de ser uma defeza dos direitos de cada um, é uma ignobil armadilha á bolsa dos que se fiam nela. — *Julio Augusto Martins.*

— As teorias socialistas, assim como as anarquistas, são altamente beneficas ao futuro da humanidade, porque só elas seriam capazes de arrancar as camadas profundas do povo da terrível apatia em que jazem essas camadas. Só as teorias socialistas e anarquistas seriam capazes de insuflar na alma das multidões os mais elevados sentimentos de altruismos e de lhes despretar o gosto pela cultura da ciencia. — *Ladislau Pizarra.* (A Luta, de 10 de outubro de 1908).

PERSEGUIÇÃO À "TERRA LIVRE,"

A prisão do nosso camarada Pinto Quartim

TERRA LIVRE acusada, pelas autoridades,
de fazer propaganda de violências e instigar os sindicalistas à revolta!!!

O MUNDO manda para a policia
o original da carta que lhe enviámos para publicar,
verberando o atentado!!

Está prezo, como se sabe,
o diretor deste jornal.

Pinto Quartim foi procurado em sua casa, pelas sete horas da manhã de quarta feira 11, por dois agentes da policia preventiva que o conduziram ao Governo Civil onde deu entrada, pelas 8 horas da manhã, no calabouço n.º 4. Ali se conservou até ás 11 horas da noite, hora a que foi chamado ao gabinete do chefe da policia de investigação criminal, sr. dr. Alfeu da Cruz, que o convidou a fazer as suas declarações ao seu colega sr. dr. Aarão de Carvalho. Foi então Pinto Quartim, pelo sub-diretor de investigação verbalmente acusado de ter escrito artigos em que incitava o operariado á revolta. Reduzidas a auto as suas declarações, recolheu de novo ao calabouço n.º 4, sendo ás 3 horas da manhã removido, juntamente com mais 17 presos, no meio duma escolta de policia, para o Limoeiro, passando o resto da noite e a manhã do dia imediato na chamada *casa dos entrados* daquela cadeia civil, donde passou ao meio dia para o grupo E onde se encontra em deposito com os seguintes individuos presos em virtude dos acontecimentos do dia 10:

José dos Santos Mourinho, escrevente; José Lopes, canteiro; Manuel Francisco, serralheiro; Antonio Marques Lino, carpinteiro; José Marques, serralheiro; Carlos José de Sousa, tipografo; Miguel Joaquim Portelinha, trabalhador; Bernardo Montes, corticeiro e Agostinho de Carvalho, torneiro mecanico, presos no dia 10 na rua.

José Maria Gonçalves, tipografo; Francisco Cristo, tipografo; Evaristo Esteves, torneiro mecanico; Fernando Augusto Gomes, ajudante de pintor; Henrique de Moraes, torneiro mecanico; Artur Parente, manufator de calçado; João Caldeira, pedreiro; Alvaro Iziodro dos Santos, latoeiro de folha branca; Alexandre Assis, distribuidor de jornais, presos em casa no dia 11; e Alexandre Vieira, tipografo, preso no mesmo dia na oficina onde trabalha.

Nesse mesmo dia á tarde, o nosso camarada prestou novamente declarações na secretaria do Limoeiro que foram redijidas a auto pelo agente Joaquim de Figueiredo, contestando Pinto Quartim o *orrível crime* de que por aquele agente fora ainda verbalmente acusado, de ter escrito artigos incitando os sindicalistas a movimentarem-se contra as determinações governamentais.

Pinto Quartim pôde ver então que no processo que lhe

está sendo formado, figurava como documento unico uma das copias originais da carta que a redação da *Terra Livre* enviou na noite de terça feira a todos os jornais da manhã protestando contra o atentado, a qual apenas pelo *Diario de Noticias* foi publicada na integra, sendo, no entanto, estratada por todos os jornais exceto *O Mundo* e *A Luta*. Como a letra dessas copias era diferente, Pinto Quartim pôde garantir que a copia que se encontra em poder da policia foi a que remeteu ao jornal *O Mundo*!

E' increditavel — não é assim? — que um jornal remeta para a policia a correspondencia que lhe é enviada, fazendo-se desta forma auxiliar da policia, desempenhando assim o repelente papel de *bufo*, de denunciador? Mas é absolutamente uma verdade. Mal de toda a população portugueza se todos os jornais descessem a tão baixos processos. Seria uma nova inquisição, pois que as reclamações e os protestos que o publico envia aos jornais e que devem constituir o ségredo profissional, poderiam servir de motivo a mil perseguições. Mas para que o publico não seja vitima deste processo, denunciámos o procedimento do *Mundo* para avizo dos incautos.

Não percebemos, porem, qual foi a intenção do *Mundo* ao remeter a nossa carta á policia visto que ela foi publicada integralmente no *Diario de Noticias*, e julgo que a propria policia não compreendeu tambem, visto que ainda as entidades a que Pinto Quartim prestou declarações não fizeram a menor referencia á essa carta.

Mas prosigamos. Até 5.ª feira passada, ultima vez que o nosso camarada foi ouvido, a acusação a Pinto Quartim apenas se resumia ao que dissemos. Pois nos jornais desse dia, *Mundo* e *Lucta* exclusivamente, apareceram umas noticias com respeito á prisão de Pinto Quartim em que se insinuava que sobre ele pezavam graves responsabilidades, noticias que o nosso camarada imediatamente desmentiu na carta que enviou para os jornais e que é do teor seguinte:

«Sr. Redator: — Peço-lhe o favor, que muito lhe agradeço, de fazer publicar o que mui secamente esponho para não ocupar demasiado espaço no seu jornal. Diz *A Luta* de hoje que em uma busca efetuada ontem, quarta-feira, foram-me encontrados

documentos muito comprometedores. E' absolutamente falso que se fizesse qualquer busca em minha casa ou na redação do meu semanario *Terra Livre*. Onde foi, pois, que se encontraram documentos que muito me comprometem?

O *Mundo* diz que sobre mim pesam graves responsabilidades. Sabe o *Mundo* mais que o Diretor da Policia de Investigação Criminal, que ainda ontem, ás 11 horas da noite me declarou com uma lealdade e honestidade que muito o honram, ignorar o motivo porque fôra preso, pois que a minha prisão não havia sido ordenada por ele! E' com estas noticias tendenciosas que se prepara uma condenação que premeditadamente se deseja. Lastimo, como jornalista, que haja imprensa que tão mal saiba honrar a sua missão, servindo-se de processos cuja classificação fica a cuidado do leitor. — Limoeiro, 12-6-1913. — Pinto Quartim.»

O nosso diretor com quem conversámos no domingo, mostra-se muito satisfeito pela forma delicada como tem sido tratado desde que foi preso não só pelos agentes que o foram buscar a sua casa, policias e empregados do governo civil, guardas da cadeia do Limoeiro, fiscal do grupo E, como pelos srs. dr. Alfeu da Cruz e Aarão de Carvalho, respectivamente diretor e sub-diretor da policia de investigação, e pelos srs. manjor França Junior, e Prezado diretor e sub-diretor do Limoeiro.

De como se pretende pedir agora responsabilidades por artigos publicados na "Terra Livre" e que não incorreram nas disposições coercitivas da lei de imprensa.

A acusação feita á *Terra Livre* é improcedente. Nunca se publicou em lingua portuguesa um jornal anarquista tão correto e tão moderado. Isso tem sido reconhecido por toda a gente, apenas com a diferença de que enquanto uns nos elojiam por essa orientação, outros nos censuram.

Terra Livre nunca foi um jornal violento, iconoclasta, desorientador e fomentador da desordem, da rebelião; antes o seu corpo redatorial com o concurso dos seus colaboradores, tem procurado torna-lo tanto quanto possivel educador e construtor do futuro. Tem sido pela forma correta como tem tratado de todos os assuntos, abordado todas as questões, anälizado e comentado todos os factos da vida politica e social do paiz, pondo de parte personalismos e sectarismos, norteados apenas pelos seus principios, que ele tem conquistado a simpatia do publico, de todas as camadas sociais sobretudo das pessoas mais ilustradas.

Mau grado nosso, tivemos, com efeito, de torcer um pouco, nos ultimos numeros, a linha que nos propozemos seguir, obrigados a protestar com energia e altivez contra as provocações imprudentes e injustificadas do presidente do ministe-

rio aos operarios sindicalistas, como foram a impolitica conferencia na Imprensa Nacional, o encerramento da Casa Sindical por ocasião do movimento comprovadamente politico de 27 de abril, as perseguições e prisões a esmo de trabalhadores rurais, a apreensão dos jornais e os discursos que o chefe do governo pronunciou no parlamento apodando os sindicalistas de vadios e *souteneurs*.

No entanto esses nossos protestos nunca escederam em força de ideias a violencia que os jornais republicanos tem usado, ficando em radicalismo de *lexicon* muito áquem do empregado por esses mesmos jornais.

Terra Livre tem como assinantes e assíduos leitores deputados e senadores, altos funcionarios, militares e autoridades administrativas, alguns dos quais tem tido ocasião de nos manifestar pessoalmente o agrado que lhes desperta a leitura do nosso jornal. Ora essa simpatia evidentemente que só tem a justificar a nossa conduta serena, a nossa critica elevada, honesta e raciocinada.

Nunca aqui se fez propaganda da violencia.

Quando muito aconselhamos a resistencia que por toda a gente e em toda a parte é reconhecida e a propria constituição do país a consigna.

Mas aqui nunca dissemos que «se o sr. Afonso Costa quera dança, te-la-ia com batuque acompanhado de artilharia», como ouvimos em certo comício com respeito a D. Manuel; nunca aqui dissemos que «para acabar ou pelo menos atenuar este estado de exploração capitalista, meia duzia de fabricas que fossem pelos ares e uma greve mostra que paralisasse o trabalho dum momento para o outro, seria um remedio eficaz, e um remedio santo»; nunca «aqui pregamos a revolta no meio das vitimas para que elas se insobordinem»; nunca aconselhamos, como aconselhou em comicio um audaz propagandista, hoje conservador chefe politico, que ás Krup e ás Canet se respondesse com a dinamite».

Tão pouco ninguem viu aqui artigos descrevendo a ação da bomba no motim de 5 de outubro, nem artigos descrevendo a forma de manufaturar e de empregar os petardos, como se viu em ilustrações e jornais.

Terra Livre acusada de agente indireto do atentado do dia 10 pelos artigos violentos publicados em suas colunas!! Como se o ato do dia 10 não fosse ainda consecuencia da propaganda revolucionaria feita pelos republicanos para conquistar o poder — propaganda cuja necessidade para o triunfo das aspirações dos chefes republicanos a nossa imparcialidade dito seja de passagem! Como se o ato do dia 10 não fosse o reflexo desta indisciplina social

que se tem feito sentir depois da mudança das instituições, indisciplina que não é particular de Portugal mas que costuma a seguir-se a todas as revoluções!

Semilhante acusação, repetimos, é impropriedade. Ha uma lei de imprensa que regula todos os delitos, tendo para os seus infratores as mais severas penalidades. Em virtude desse diploma legislativo somos obrigados a remeter um exemplar de cada numero ao delegado do procurador da República, ao administrador do bairro e a cada um dos ministerios do Interior e da Justiça.

Isso temos feito regularmente e no proprio dia da saída do jornal, como podemos provar. Ora se *Terra Livre* publicasse artigos que estivessem sob a alçada da lei, como estão aqueles que incitam á rebelião e ao atentado, certamente os zelosos funcionarios da Republica que tem a seu cargo a fiscalização da lei de imprensa, tel-iam apreendido, querelado, processado, chamado, enfim, o seu diretor á responsabilidade. Ora nada disso succedeu. *Terra Livre* circulou sempre livremente, tendo apenas o seu n.º 13 sofrido a apreensão, cujo motivo não soubemos visto que não nos foi notificado qual o artigo ou periodo incriminando.

Fosse por que fosse, o que é certo é que a autoridade não ligou ao artigo ou periodo que motivou a apreensão importancia de maior, visto que a apreensão se limitou aos jornais que se encontravam no quiosque Elegante, no Rocio, não se dirigindo a policia a nenhum outro local de venda.

Como se compreende pois, que se queira agora assacar á *Terra Livre* a culpa indireta dos acontecimentos do dia 10 e chamar a responsabilidade o diretor deste jornal por artigos já publicados e que não incorreram nas disposições coercitivas da lei de imprensa?! Mas alem de ser destituida de fundamento a accusação de que *Terra Livre* tem incitado á violencia, é preciso ter-se em conta que, mesmo dada a hipotesse de ter em seus artigos incitado mais ou menos os sindicalistas a movimentarem-se contra as determinações governamentais, esses seus artigos em nada poderiam influir no atentado da rua do Carmo e por esta razão simples. *Terra Livre*, sendo um jornal caro, de 20 réis, é difficilmente acessivel aos operarios. Sendo difficil ao nosso operario, miseravelmente pago e com a carestia da vida que apavora toda a gente, elevar a verba que destina aos seus jornais em mais um vintem por semana para adquirir a *Terra Livre*, só faziam esse sacrificio os operarios mais ou menos conscientes, mais ou menos ilustrados, os intelijentes e estudiosos; os outros, entre os quais se poderia por ventura

encontrar o individuo ou individuos capazes de praticar o ato do dia 10, esses não a compravam porque não eram capazes desse sacrificio por não ter os estimulantes d'aqueles, e ainda porque a leitura de *Terra Livre*, a sua orientação, o seu feitio não lhes agradava por não ter as *en-têtes* espalhafatasas e descambilhadas da *Alvorada* nem o sectarismo e a linguagem despejada de *O Mundo*.

Esta afirmação é confirmada não só por impressões ouvidas diretamente e transmitidas por inumeras cartas em que o nosso jornal era apodado de folha burgueza, mas ainda pelos numeros.

A tiragem da *Terra Livre* é de 3:500 exemplares. Desprezando 500 que se inutilizam nas sobras enviadas pelos agentes, das tabacarias e da venda na rua; que se permutam com os jornais portugueses e estrangeiros e que ficam na administração sem serem vendidos, restam tres mil que se vendem. Desses tres mil, 1800 são vendidos na provincia, ilhas, Africa, Brasil e outros paises, sendo apenas os restantes, 1200 exemplares, vendidos em Lisboa, dos quais 300 são de assinaturas de Lisboa e arredores, e 900 de venda avulso. Ora succede que estes 900 exemplares são na sua maior parte comprados pela classe burgueza, por estudantes e empregados do comercio como se conclue pela qualidade das tabacarias onde eles são mais procurados. Por consequencia, apenas uma pequena percentagem da tiragem da *Terra Livre* é comprada pelos operarios da capital e esses, como dissemos, são os mais conscientes, os intelijentes e estudiosos, incapazes de terem sequer pensado quanto mais praticado ou aconselhado a praticar o ato de 10 do corrente.

Terra Livre, pois, não podia ter influido no atentado que se praticou na rua do Carmo já pela sua orientação e doutrinas, já pela pouca circulação que tem entre a massa operaria.

E por hoje temos dito.

NO BRAZIL

A onda cresce...

O anarquismo, felizmente, aqui, no Rio de Janeiro, já é prégado na praça publica e a imprensa burgueza por um ato de *jenerosidade social*, dá as noticias que lhes enviamos sem fazer comentarios. No primeiro de Maio, ao lado das festas promovidas pelos bajuladores do governo que ainda predominam em algumas sociedades operarias, e pseudo-operarias, etc., fizemos nós a nossa agitação sindicalista e anarquista, não só aqui como em diversas capitais e cidades

Bibliografia anarquista portuguesa

A absoluta falta de espaço, não nos permite hoje alargar esta secção, como tínhamos já feito.

Ainda assim diremos a todos os que nos queiram auiliar na esposição, que não se retraiam por motivo dos ultimos acontecimentos. A caça aos anarquistas, não pode ser motivo para que *Terra Livre*, abandone os seus projectos. Bem pelo contrario o entendemos nós. Portanto está á prova hoje mais que em nenhum outro periodo, a nossa diligencia e o nosso proselitismo na propaganda das ideias. A esposição bibliografica é um belo ato de propaganda que é preciso não abandonar. Venham elementos para ela que é o que nós precisamos.

Continuamos a dar a lista de documentos que hão de figurar na esposição. A sua publicação serve para evitar repetições enfadonhas e que nos dificultariam sem utilidade nenhuma o o nosso trabalho, salvo se se tratar de edições diferentes, terra diferente de impressão, etc.

De Afonso Manaças:

LIVROS—*Questões Sociais*, Julio Martins. Lisboa, 1895. — *A mulher*, Soledad Gustavo, da bib. Rutilante, Porto, 1901. — *O Cristianismo e a Razão*, Pi y Margall, bib. do Livre Pensamento, Lisboa, sem data. — *Grève de Ventres*, Bulfi, Porto, 1906. — *A peste religiosa*, João Most, do grupo «Juventude Consciente», Lisboa, 1904. — *A Confederação Geral do Trabalho*, E. Pouget, da livraria José Bastos e C.ª, Lisboa (sem data). — *Sindicalismo e Socialismo*, por varios, da mesma casa. — *Ação Sindicalista*, Vitor Grifuelhes, da mesma casa. — *Sindicalismo e Revolução*, M. Pierrot, idem. — *A questão social*, visconde de Ouguella, livraria J. Bastos, Lisboa, 1895. — *O Anarquismo e a questão social*, Antonio Serpa Pimentel, idem, Lisboa, 1898. — *A anarquia, a sua filosofia, o seu ideal*, Krop., livraria Gomes de Carvalho, Lisboa, 1908. — *O Sindicalismo*, F. Chal-laye, bib. Social Contemporanea. Lisboa, 1912. — *O Anár Livre*, C. Albert, livraria Guimarães. Lisboa, 1911. — *A caminho da sociedade nova*, Cornelissen, livraria Guimarães, Lisboa, 1908.

JORNAES: *Proletário*, n.ºs 1 e 2. Porto, 1901. — *O Rebelde*, n.ºs 1 e 2. Funchal, 1910. — *Conquista do Bem*, n.ºs 1 e 2. Coimbra, 1910. — *Vida Livre*, n.ºs 1 a 3. Coimbra, 1911. — *Ação*, n.º 1 e 2. Lisboa, 1909. — *Tempos Novos*, n.ºs 1 a 4. Porto, 1911. — *Avante*, n.ºs 1 a 5 (2.ª série), Evora, 1911. — *A Verdade*, n.º 1 a 3. Coimbra, 1903. — *O Despertar*, n.º 19. Coimbra, 1908. — *O Anarquista*, n.º 1, Lisboa, 1913. — *A Idéa*, n.º 1, Porto, 1898. — *A Vida*, n.ºs 1 a 79 (2.ª série), Porto, 1909. — *A Aurora*, n.º 1 a 7. Porto, 1900. — *Paz e Liberdade*, n.ºs 1 e 29. Lisboa, 1909. — *A Sementeira*, revista completa. Lisboa, 1908.

do país. No comicio daqui, que foi bastante concorrido foi preso o camarada Edgard Leuenroth. Uma grande multidão operaria, entoando a *Internacional*, acompanhou o preso até á delegacia de policia. Protestos; intervenção de cavalaria, impotencia da policia civil que se encontrava no local; portas da delegacia fechadas rapidamente e... a muito custo, conseguimos acalmar os animos entrando o preso na delegacia em vista de ter sido unicamente intimado... Queriamos obter um novo triunfo pela ação direta.

E assim foi. O povo continuou firme no seu posto. E o preso foi solto. Seguimos novamente para o largo de S. Francisco onde se realizou o comicio, dirigindo-se depois o

De Jorje Boaventura:

LIVROS. *As mulheres*, Prat, bib. do «Despertar». Porto 1904. — *Um chinês em Paris buscando o comunismo*, Vitor Hennequin. Coimbra 1849. — *A morte de Canovas*, Henri Rochefort. Lx.ª 1897. — *Catecismo Ateu*, Brito Betencourt, bib. do Grupo Luz. Lx.ª 1906. — *A Conquista do Pão*, Krop. Porto 1895. — *A Sociedade Futura*, J. Grave, bib. d'Estudos Sociológicos de Dias da Silva. Lx.ª 1901. — *Os Inquisidores de Hespanha*, Tarrida del Marmol. Lx.ª 1898.

JORNAES e MANIFESTOS. *O Trabalhador*, n.º unico, 18 de Março 1897, Porto. — *Um grito*, manifesto pró Masimo Gorki, Joaquim Leitão. Porto (sem data). — *Circular do grupo Solidariedade Internacional*, Lx.ª 1905. — *Manifesto do grupo «Os Rebeldes» aos trabalhadores do Algarve*, 1904. — *Manifesto Guerra aos tiranos*. Lx.ª 1905. — *Manifesto do 1.º de Maio contra a lei de 13 de Fev.* Lx.ª 1905. — *Idem* assinado «grupo Terra e Liberdade». — *4 manifestos contra a lei de 13 de Fev.* 1905, 1906 (2) 1907, assinado O gremio Montanha 2 manifestos contra aos comicios contra a lei de 13 de Fev. 1905, Lx. — *Manifesto do 1.º de Maio aos trabalhadores do Algarve*, assinado Federação Socialista livre, 1905. — *Manifesto A'lerta*, Setubal, assinado um grupo de libertarios Manifesto A os homens de coração, pelas vítimas da tirania em Alcalá del Val'e. Lx.ª março 1904, assinado «O comitê de Solidariedade Internacional».

De Sebastião Coelho:

LIVROS. *Nem Deus, nem Patria*, Benjamim Mota, (sem data e local de impressão). — *Anarquia e Comunismo*, C. Caffero (sem data e local de impressão). — *No Café*, Malatesta, da bib. d' «A Vida» Porto (sem data). — *Pela Educação e pelo Trabalho*, Adelino Pinho. Porto (sem data). — *Teoria revolucionaria*, F. F. M. bib. «Amigos do Povo» Lx.ª 1904. — *Socialismo libertario ou anarquismo*, Silva Mendes. 1896.

Manifestos:

Pró Justiça contra a prisão de Ferrer, assinado «Congresso Operario Sindicalista e Cooperativista». — *Ao Povo*, pró Ferrer, anonimo. — Um retrato grande de Ferrer.

De Sá Viana:

Os anarquistas, Makay, da bib. de Estudos Sociais, de Dias da Silva, Lisboa, 1910. — *O Clardô*, n.º 1, Porto 1909.

De Pinto Quartim:

A Humanidade, n.ºs 1 a 13, Lisboa, 1905. — *A Revolta*, n.ºs 1 a 19, Porto, 1889. — Manifesto anti-eleitoral, suplemento ao n.º 6 de *A Revolta*, Lisboa, 1892. — *Idem*, suplemento ao n.º 19 de *A Revolta*, Lisboa, 1890. — Manifesto de *O 1.º de Maio*, (extrato do n.º 28 de *A Revolta*).

De Americo da Graça:

O Esforço, 12 n.ºs. Porto, 1910. De Eduardo Joaquim Gomes: *A moral anarquista*, Krop., da Livraria de João Carneiro, Lisboa (sem data).

elevadissimo numero de operarios para a sede da Federação Operaria, de cuja sacada falaram outros companheiros. Durante o trajeto foram cantados varios hinos revolucionarios e erguidos vivas ao 1.º de Maio revolucionario, ao sindicalismo, á revolução mexicana, á anarquia, etc., etc. Um bom dia de propaganda, enfim!

Dois companheiros estavam presos. Adolfo Anta, estivador, de Santos, internado na casa de Detenção daqui, ha quatro meses... para ser expulso — é espanhol. Joseph Jubert, secretario da União Operaria de Sorocaba, S. Paulo, condenado a 4 meses de prisão e a 450\$ de multa... mas até agora não sabemos do seu paradeiro.

Começamos a ajitar a ques-

tão. O Centro de Estudos Sociais (anarquista), de recente fundação, a Confederação Operária Brasileira e a Federação Operária Local convocaram um comício para o dia 8 do corrente no largo da Carioca. Falava o companheiro Zenon, atacando o chefe de polícia Belizario Tavora, quando a polícia promoveu desordem. Estabeleceu-se o conflito. Prezo Zenon, arrancámo-lo das mãos dos janizáros, estabelecendo-se uma enorme confusão. Outro rapaz, portuguez, foi preso. O povo seguiu-o até ao largo de S. Francisco, no intuito de lá o arrancar das mãos dos esbirros. A nossa força porém era inferior. O rapaz foi... e na policia central, depois de um largo interrogatorio, foi posto em liberdade á meia noite em companhia do Zenon, que *eles* sempre conseguiram prender.

No dia seguinte realizámos outro comício contra a policia. Foi mais concorrido. Prégou-se a anarquia abertamente. Nada houve de anormal. Conciente, ou inconcientemente o povo em pezo vitoriou a anarquia. Ao menos mostrou já não possuir o terror que a palavra lhe causava.

Um verdadeiro successo!

Convém notar que Adolfo Anta foi logo posto em liberdade no dia 8, á hora em que se realizava o comício. Novo triunfo da ação direta! Jubert, continua em parte incerta. A agitação porém prosegue fortissima, e a que aqui foi iniciada contra a lei de expulsão toma tambem um carater bastante sério. Triunfaremos mais uma vez? Veremos, mas parece-me que sim. Tudo desperta no seio dos trabalhadores. A organização sindicalista caminha a passos agigantados.

Durante os dois ultimos mezes isto é, até hoje, fundaram-se quatro sindicatos e o Centro de Estudos Sociais, do qual tambem fazem parte elementos vindos da burguezia. A beleza da ideia que defendemos a todos traz ao verdadeiro caminho.

O proximo 2.º congresso Operario Brasileiro, promete muito. Deve reunir-se em meados de Julho.

Rio de Janeiro, 12 de maio.

Santos Barboza.

Transcrevemos o manifesto seguinte, lançado ao povo de São Paulo por *Um grupo de homens livres*:

«Não encontramos a verdadeira classificação do proceder da policia para com os operarios Joseph Jubert e Adolfo Anta. Todas as frases com que poderíamos definir a monstruosidade policiesca são ambiguas e insuficientes.

A Russia despótica, vingativa e má reabilita-se com os atentados policiaes das autoridades brasileiras cometidos contra a

liberdade e a vida dos cidadãos.

E' o cazo que Joseph Jubert, um lutador, em prol dos direitos e liberdades do povo trabalhador, soube responder mercedamente aos ataques que o infame viver Otavio Moreira Guimarães dirijiu contra varios operarios de Sorocaba e por isso foi condenado pelo Tribunal de Justiça (leia-se injustiça) a 4 mezes de prisão e á multa de 450\$000, por injurias.

Dizer a verdade sem rodeios é uma injuria e um crime para os protervos que exploram o operariado.

Jubert está prezo e condenado por dizer a verdade e isso seria cauza suficiente para o povo se revoltar e arranca-lo da prisão á força.

Mas o que vamos declarar ao povo supera muito as previzões dos que não conhecem a fundo a conduta da policia.

O camarada Jubert foi prezo em Sorocaba e conduzido para S. Paulo, tendo sido procurado nos diversos postos policiaes desta cidade, por sua companheira, e outras pessoas que por ele se interessam não tendo sido encontrado. A policia não dá noticia alguma de seu paradeiro. Terá sido já assassinado pela policia, para satisfazer barbaros sentimentos de vingança?

Quando menos, este camarada está sequestrado pelos esbirros, e não sabemos a que classe de suplicio está submetido.

O cazo Calvo repete-se talvez com piores consecuenças. Este camarada encontra-se já em adeantado estado de tuberculose e com um pouco de mau trato não tardará em extinguir-se. A enfermidade que padece foi adquirida na luta pelo bem estar, pelos interesses e dignidade do povo trabalhador.

Na Russia, ao menos, sabe-se quando os detidos são enviados para a Siberia; aqui nesta republica democratica, liberalissima, a policia sequestra os cidadãos, os tortura e os mata sijilosamente. A vida do povo está á mercê de selvajens que entendem cumprir o seu dever e conquistar louros, perseguindo, sequestrando e matando seres humanos.

Realmente os que mais se distinguem neste papel de algozes são os que alcançam os maiores diplomas meritorios.

Adolfo Anta encontra-se na casa de detenção do Rio, ha 4 mezes, sem cauza formada, porque nada fez que servisse á policia de pretêsto para ser detido. Qual o paiz, por barbaro que seja, em que os poderes constituídos se atrevam a cometer semelhantes atentados de leza humanidade?

Onde haverá um povo que tolera estas infamias? Onde estão esses republicanos, esses patriotas que dizem ser a van-

guarda das liberdades deste paiz? Onde está a civilização brasileira?

Ao menos o povo trabalhador, os homens livres que não podem ser solidarios com estas selvajarias, devem opor-se terminantemente a que estes camaradas continuem a ser vitimas da policia. A ação de todos os que se sentem homens, deve fazer-se sentir neste momento. Contra a violencia policiaal impõe-se a ação revolucionaria dos homens livres.»

O Centro de Estudos Sociais, Confederação Operária Brasileira, Federação Operária do Rio de Janeiro, Centro dos Operarios Marmoristas, União dos Alfaiates, União Jeral dos Pintores, Fenix Caixeiral, Sindicato dos Sapateiros, Sindicato Operario de Officios Varios, Sindicato dos Operarios da Industria Eletrica, Sindicatos dos Funileiros e Bombeiros Hidraulicos, Sindicato dos Carpinteiros, Sindicato dos Estudadores, Sindicato dos Operarios das Pedreiras, Associação Operaria Independente, União dos Marceneiros e Artes Correlativas, fizeram uma larga edição deste manifesto, convidando o povo do Rio de Janeiro a assistir a um imponente comício pelas mesmas coletividades promovido, a fim de se reclamar a liberdade dos dois referidos camaradas.

Em França

A favor dos soldados castigados

Acaba de constituir-se uma «Comissão de defeza dos soldados que protestaram».

Ela comunica-nos o apêlo seguinte:

Comissão de defeza dos soldados que protestaram.

Uma impiedosa repressão começou a cair sobre os soldados que lançaram o seu protesto.

Uns tomaram já o caminho das companhias de disciplina, outros teem sido punidos com prisão, e finalmente os restantes esperam ser enviados a conselho de guerra.

Contudo que crime foi o seu?

Tinham lhes dito: «Estão aqui durante dois anos.» E fielmente, lealmente, cumpriam o seu penoso dever. Repentinamente veem dizer-lhes: «Ficam na caserna um ano ainda.» E isto sem motivo imperioso, sem que a paz esteja ameaçada, sem que o perigo esteja á nossa porta, sem que coisa alguma se tenha tentado para utilizar melhor os atuais recursos da nossa defeza.

Em presença desta brutal violencia, em presença desta

violação dum contrato, mas principalmente ante este desabar dos seus projetos futuros e ante a dôr de tantos entes queridos que já festejavam a sua volta, alguns se sublevaram.

Não se trata de revoltados, não se trata de antimilitaristas.

«Estamos na caserna por dois anos—responderam os de Toul ao seu chefe que os aconselhava—não queremos permanecer nela durante mais tempo.» Eis o que disseram eles por toda a parte.

Não perguntaremos aqui a nós proprios com que direito, com que autoridade moral, podem, aqueles que violaram no seu espirito uma das leis fundamentais da nação, castigar rapazes que se insurjiram durante algumas horas contra a disciplina militar.

Eles porém são nossos filhos, nossos irmãos; não os deixaremos esmagar sem intervir. Não toleraremos que se use para com eles, como para aí se prepara, de arbitrariedade ou crueldade.

Entre os signatarios da presente declaração uma comissão se constitue com a missão espessa de vijiar a sorte dos cidadãos soldados castigados por terem protestado contra o aumento do periodo de serviço.

Esta comissão estudará cada um dos casos que lhe forem submetidos e fará o mais que puder para assegurar ás vitimas da repressão bem como a suas familias auxilio material e conforto moral.

Ela trabalhará por outro lado para que a opinião publica não esqueça, no seu isolamento e no seu sofrer, as vitimas das faltas de governantes, incompetentes.

Nota.—Dirijir as adesões e todas as comunicações dizendo respeito á comissão, aos secretarios: Charles Albert e Léon Werth, 15, rua do Parc-Montouris e as subscrições ao tesoureiro: Charles Gagumus, 10, boulevard Magenta, Paris.

Anatole France, Octave Mirbeau, Lucien Descaves, A. Naquet, C.-A. Laisant, Jouhaux, Bled, P. Monatte, Floreut, Schmitt, Maurice Ravel, M. Luce, Ferdinand Herald, Alaiu d'Harcourt, Sicard de Plauzoles.

A Propaganda

Organização anarquista

O Centro de Estudos Sociais, do Rio de Janeiro, pede que lhe sejam enviados os endereços de todos os grupos ou centros libertarios.

A correspondência para este centro deve ser dirijida á Caixa Postal 1427.

Aviso

A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16 horas.

Revista dos jornaes

Então em que ficam? — A *Patria*, órgão governamental, dizia no seu n.º do dia 12 do corrente:

«Da mesma fôrma que a tentativa revolucionaria de 27 de abril, o atentado de ontem já está dando logar a algumas coincidências curiosas. Porque motivo os srs. talassas andaram a insinuar por toda a parte que se dariam acontecimentos graves durante as festas da cidade? Adivinharam por sugestão divina que se praticaria ontem em Lisboa um atentado tão repelente?»

Mas então, se o atentado foi obra dos monarquicos como se justificam as perseguições aos sindicalistas e anarquistas?

Um petardo providencial — D'O *Intransigente* transcrevemos, para arquivo, a sua *Nota do Dia* de quarta feira 11 de Junho:

«A questão Alfredo de Magalhães que chegara ao seu estado agudo e que bem podia dar com o governo em terra, ei-la adiada por algum tempo até que se desvaneça a impressão que o petardo d'ontem causou no espirito publico.

A questão d'Ambaca que chegara ao seu estado agudo e que bem podia dar com o governo em terra, ei-la adiada por algum tempo até que se desvaneça a impressão que o petardo d'ontem causou no espirito publico.

A questão do cabo Panamá que chegara ao seu estado agudo e que bem podia dar com o governo em terra, ei-la adiada por algum tempo até que se desvaneça a impressão que o petardo d'ontem causou no espirito publico.

E digam-nos depois que o sr. Affonso Costa não é um homem com sorte!

Em guerra com as classes trabalhadoras, em luta com os elementos radicais do seu partido, eis que um petardo rebenta na cauda dum cortejo civico e logo aparece um grupo a escavar a Casa Sindical, outro a atacar a redação dum jornal monarchico, outro, ainda, a destruir um quiosque de jornaes!

Mão criminosa vítima umas tantas pessoas no Rocio e o sr. Affonso Costa que bem podia estar redijindo a estas horas o seu testamento ministerial, ei-lo que se prepara para lavar o dos outros, desembaraçando-se dos seus inimigos politicos!

Eis como um petardo providencial dá morte aos vivos e vida aos mortos!

O verdadeiro culpado — A *Republica* teve a coragem e a independencia muito apreciaveis nesta epoca de revoltante cobardia moral e nojenta subserviencia, de escrever estas verdades esmagadoras, dignas de toda a ponderação:

«Nunci nos iludimos sobre o estado da alma da nação, principalmente sobre o estado da alma das populações das duas grandes cidades do país, ajitadas, desorientadas, indisciplinadas pela ação que foi necessario desenvolver para se fazer a Republica, e prevertidas e anarquizadas (*) por elementos que posteriormente a 5 de outubro se não tem cansado de espalhar e fomentar o odio, a malquerença, a inveja. Numa sociedade assim, irritada até ao ezajero, facil é provocar movimentos criminosos, ou de natureza coletiva como o 27 de abril, ou de natureza individual como o atentado de ontem. Aos governos conscientes da sua missão e senhores da sua vontade, conhecendo o meio em que vivem e o condicionalismo que os cerca, compete antes prevêr que remediar e procurar por todos os motivos desfazer atritos, neutralisar irritações, poupar as energias, acalmar os animos.

Entre nós, tem-se tomado caminho diverso.

Desgostar tudo e todos, provocar tudo e todos, desafiar tudo e todos — é a missão de todos os dias. Criou-se, pois, uma atmosfera propicia a todos os devairamentos, a todas as ezajerações, a todos os perigos».

(*) Para o autor do artigo, como

para os escribas da imprensa burgueza, *anarquizar* significa provocar a desordem.

Palavras honestas — E' do sr. Machado dos Santos o seguinte trecho dum artigo publicado no seu jornal *O Intransigente* de 12 do corrente:

«O atentado do Rocio não foi portanto, uma manobra politica de adversarios do governo; não lhes aproveitaria; o petardo ou a bomba que explodiu, apenas serviu para retardar a queda do ministerio afastando deste, por algum tempo, a campanha administrativa e politica que o havia de lançar por terra.

Servindo-se do acontecimento sensacional com a mesma habilidade com que na Russia e até na livre America se tem utilizado de acontecimentos identicos, o governo busca á sua sombra ezeutar o programa que traçou de se desfazer dos seus adversarios. Logo, a conclusão a que chegamos é que a ação cobarde que vitimou tanta gente é obra unica e exclusiva duma dessas feras que as sociedades alimentam no seu seio e que o cheiro da multidão desvaira acordando nela os seus instintos bestiais e sauguinarios.

Responsabilisar pelo atentado contra o cortejo camoneano esta ou aquela coletividade, este ou aquele agrupamento partidario, pode ser que seja uma habil manobra politica, mas não é com certeza um ato de justiça.»

Doutrina sensata — E' efetivamente e esccionalmente o que o sr. Alfredo Pimenta prega, num artigo publicado no *Republica* e a que pôz o titulo *Serenamente*, e do qual recortamos alguns periodos apenas, pois que dadas as incoerencias de que o artigo vem recheado não merece o espaço da sua integral transcrição.

Dizia o sr. Alfredo Pimenta no passado dia 14:

«Pode ser que se averigue quem foi o autor do criminoso atentado da rua Nova do Carmo. Pouco importa, para o julgamento do facto. O autor direto, o agente immediato, a pessoa do desvaído — isso nada é, nada vale, na averiguação das causas que determinaram o acontecimento. Esse é um produto, pelo que os verdadeiros, os autenticos responsaveis, são os fatores que lhe deram nascimento. Não é encarcerando-o, eliminando-o, que eu corto o mal pela raiz. E' indo ás causas e ajindo sobre elas, que eu posso garantir a vida social. Não as causas que por esse movimento reflexo o produziram; mas sim as causas diretas, positivas.

E' preciso andar-se absolutamente cego e ser-se absolutamente surdo, para se atribuir a uma determinada escola política, no atual momento português, a direta e plena responsabilidade do facto.

Mas em Portugal, não estamos ainda verdadeiramente sofrendo as consequências desse sindicalismo. O mal é outro e muito outro. De ha muitos anos, mas muito principalmente de ha dois anos a esta parte, nós estamos assistindo á propaganda permanente de um desvaíramento social que não é republicano nem monarchico, anarquista, socialista ou sindicalista. Não tem partido, não tem escola, não tem bandeira

E' responsavel pelo atentado de terça-feira qualquer doutrina política? E' possivel... Mas a principal responsabilidade está nos que dia-a-dia, hora-a-hora, escrevendo ou falando, têm vindo a semear a discórdia, a espalhar o odio, a fomentar a vingança, a estimular a inveja, a preparar o tumulto.»

Transcrição — Tem a policia efetuado, nestes ultimos dias, em consequencia do barbaro atentado da rua do Carmo, numerosas prisões. Louváveis são, certamente, todos os esforços que se empreguem na descoberta do criminoso ou dos criminosos. Entendo, porém, como todos, que a sua ação, no caso, deve ser orientada de modo que nem de leve redunda em

gravame de quem nada tem nem poder de comum com a ezezavel infamia cometida,

Li eu ontem, numa folha da manhã, que se trata duma conjura de alguns libertarios. Pois se duma conjura se trata não são, não podem ser os que nela tomaram parte. O anarquismo é um ideal de paz e de amor e não uma doutrina de bandidos e de facinoras. Chamam-se Kropotkine, Grave, Reclus, Gori, Malatesta, Faure, Lorenzo, Malato os seus espositores e propagandistas. Perfilham-no, advogam-no, emfim, hoje como sempre, todos os que constituem a fina flor da Ciencia, da Filosofia e da Arte. Sim, o anarquismo é um ideal de amor e de paz — e não uma doutrina de bandidos e de facinoras. Combate a Autoridade — mas não manda matar os que a ezezem e representam. Combate a Propriedade — mas não manda matar os detentores da terra e dos seus frutos. Combate a Religião — mas não manda matar os seus sacerdotes. Para o verdadeiro anarquista, tão sagrada é a vida dum mendigo como a vida dum arjentario. Aspira á transformação do meio societario pela progressiva conquista do coração humano e não ao esterminio dos ricos e dos poderosos pela dinamite e pelo punhal, como errada e geralmente se julga. Factos de todos conhecidos abonam a inescdível pureza moral dos seus militantes. Kropotkine, por exemplo, tem a sua modesta casinha de Bromkley sempre aberta a quem do seu pão necessita. Louise Michel, certa noite de inverno, despoja se dos seus vestidos para matar a fome a uma pobre filha do povo. Faure, se tem dois francos, reparte-os fraternalmente com o primeiro vagabundo que o seu auxilio implora. São assim, todos os verdadeiros anarquistas: modelos formozissimos de bondade, incarnações supremas de amor.

Que pode haver, pois, de comum entre estes fidalgos de espirito e os torpes autores do atentado do dia 10? Porque lhes chamar anarquistas, tendo eles perpetrado um ato essencialmente anti-anarquista? E será rasoa-vel, será justo, porventura, que, devido á sua abominavel façanha, se persegam e prendam e prejudiquem, moral e materialmente falando, todos os que, entre nós, honesta e coerentemente ensinam e defendem pela pena e pela palavra, um tão alto ideal de Perfeição e de Beleza? — *José Baccelar*. — (Do *Socialista* de 14 de junho).

Barril do lixo — «Tem-se visto atentados anarquistas contra homens de fortuna ou com influencia politica. Nunca se viu um atentado contra um cortejo constituído em grande parte por crianças senão na terça-feira, em Lisboa. A maioria das pessoas feridas foi, como se sabe, de operarios e crianças. Os mortos até agora, são dois: um vendedor ambulante de hortaliça e um padeiro! A qualidade das vítimas define bem o carater do movimento que certos ajitadores estão fazendo em Portugal, com gaudio dos monarchicos. Esses criminosos não só exploram e envenenam os oprimidos, afastando-os do caminho das reivindicações justas e lejitimas, como até atentam contra as suas vidas. Não foi a força publica, ás ordens do poder, que matou o desgraçado vendedor e o pobre padeiro de Castelo de Vide. Não. Foram os agentes de ideias que se dizem generosas, grandes e libertadoras! Foram os sectarios sujestionados por certos farçantes que dizem ter um grande, um infinito amor á humanidade! Que diriam eles, os farçantes, se tivesse sido realmente a força publica que, num choque com o povo, para manter a ordem, tivesse, sem querer, arrancado á vida aqueles modestos filhos do povo? Eles, que atribuiam falsamente á Republica uma acintosa perseguição, classificando de delitos do pensamento crimes de direito comum, escreveriam e gritariam então os mais indignados e terriveis tropos que o *Dia*, cuidadoso, se apressaria a transcrever... Agora, dizem só que condenam o crime. Mas com que autoridade podem eles condenar uma obra que produziram?... — (D'O *Mundo* de 13 de junho de 1913.)

Museu de asneiras — Portugal podia estar livre da influencia do idealismo anarquico se, como disse na camara, o partido republicano não houvesse sempre embaraçado o engrandecimento de um partido operario, que aqui deveria existir, como eziste na Beljica, na Italia, na Inglaterra e em quasi todos os paizes.

«Isso não sucedeu, e o resultado foi o seguinte: foi que, não havendo nas massas operarias uma consciencia bem formada, facii se tornou a alguns elementos preponderar nas assembléas e iucutir-lhes no espirito a idéa da chamada tatica da ação direta e anti-parlamentar, que da França se importou para aqui, como se importam as modas e os romances.

Bom será procurarmos um meio para combater e impedir os progressos da propaganda feita por um grupo de criminosos no seio da grande familia operaria.

«A ação que taes individuos ezezem é nefasta e os principios e praticas que aconselham podem bem arrastar ao crime aqueles operarios cujo espirito seja mais fraco, ou aqueles cuja illustração, por diminuta, não chega para debelar os efeitos do mal.

«Assim, o partido socialista fará entre o operario portuguez uma enérgica campanha de sanidade moral, tanto no sul como no norte do paiz, sendo conveniente pôr em destaque que a influencia do ideal anarquico se deve combater mais com a inteljencia do que com a pratica da repressão violenta, que resulta, em regra, contraproducente.

«Em todo o mundo o partido socialista tem oposto á propaganda dos ideais anarquistas que preconizam a ação direta e anti-parlamentar, uma propaganda parlamentar e reformista, e haja vista o que se passa na Alemanha, Beljica, Austria, Dinamarca e na Suecia, onde este partido está florescente: a nulidade da influencia anarquista.

(Manuel José da Silva, d'O *Seculo* de 13-6-1913).

Revoltas

de um neurasténico

IV

Economizar para a velhice...

Ora venha de lá esse abraço! Estás melhor da tua neurastenia? — exclamou Anibal rizonho e algo trocista, indo de braços abertos para o amigo a quem convidara para um passeio.

— Isto só estará bom no dia em que desaparecerem as injustiças sociais — respondeu Rodrigo correspondendo ao amplexo. — Já vês que morrerei da doença.

— Bem! deixa-te de tolices! Olha, o automovel está á nossa espera. Queres descer?

— Vamos lá! Entretanto que alongamos a vista pelo espaço, irei atenasando-te com as mi-nhas maluqueiras...

— E a proposito! has de-me dar a tua opinião sobre um caso que a nossa conversa do outro dia me sujuriu.

— Vaí dizendo.

Neste entretanto os dois amigos subiam para o automovel que partindo a nove, em breve os arrebatou para fóra da cidade e se metia pelos campos.

—E' isto: Eu quero admitir que para se acumular fortuna que se veja, se tenha de lesar outrem, dentro da lei ou fóra dela...

—Lesar-se de ambas as formas: — interrompeu Rodrigo. —E aí é que está a habilidade do sujeito. Lesar dentro da lei, servindo-se de todas as tanjentes que ela oferece, abrigando-se em todos os escaninhos dos codigos para chamar ao nosso, *nosso*; e ao dos outros, *nosso tambem*. Lesar fóra da lei, por todos os feitiços escuros e inconfessáveis de que os esper-tos se utilizam: já carregando o preço do custo, se se compra por conta de outrem que aliás nos paga o serviço; já impinjando gato por lebre; já imaginando despesas que se não fazem e que nós não de ser embolsadas; já inventando pessoal que se diz trabalhar por conta de quem ha-de paga-lo; já salgando as contas que se prestam; já roubando no peso e na medida com mais ou menos descaro; já recorrendo a todos os *contos do Vigarrio* possíveis e imagináveis que nunca faltam ao espirito de certa gente que se reveste para o efeito dos ares mais honestos e candidos.

—Bem! bem! isso já eu sei! — atalhou Anibal. Mas aonde eu quero chegar é a isto: Alguem, pelo seu trabalho não pode economizar de forma que num futuro, em que se encontre invalido ou queira descançar, passe a viver de suas economias: sem eu querer dizer com isto que se seja rico?

—Qual é esse trabalho? Ou tu chamas trabalho ao do senhorio que depois de uma hora de encher recibos para receber as suas rendas (quando os enche...) já bufa com a *enorme canceira de tanto trabalhar*? E' por ventura trabalho o encher as relações para ir receber *cum-quis* á Junta do Credito Publico? E' trabalho o que tu fazes na Bolsa entre dois dedos de palestra com este ou aquele? E' trabalho o do arjentario que, sem sair do seu gabinete, enterrado no estofa da sua poltrona, aos beijos a uma horizontal ou bebendo vinhos finos e licores, em cavaco ameno com um amigo, está fazendo *render os seus capitais*? Isto é que tu chamas trabalho?

—Não! já não quero ir tão *lonje*, nem tão *acima*, retrucou Anibal. — Mas, por exemplo, um officio, mesmo uma profissão liberal. Não poderá quem o ezerça, fazer umas economias e juntar uns vintens para, na velhice, viver do que elas lhe renderem?

—Do que as economias lhe renderem! Ah! ah! ha! fez Rodrigo. Que capital será preciso ajuntar para com o seu rendimento se poder viver sem trabalhar? Hoje, carissimo como está a vida, quanto seria necessario ganhar para poder pôr de parte um tanto cada dia

a fim de realizar esse capital? Um homem poderá viver bem com uma diária de quanto? de cinco tostões? Suponhamos. Daqui ha de sair o comer, a renda da casa, o vestuario, o calçado, contribuições dirètas, etc. Ora bem! Qual é o salario que permite ao artista pôr de lado uma quantia suficiente para esta ter o rendimento de 500 réis diários quando chegar a velho? Que importancia seria a do capital que desse, de rendimento, uma tal jorna? A 3 010 seria de 6:000\$000 de réis. Pois vejamos: Esse homem, ganhando 800 réis de jornal, poderia, á força de perseverança, economizar na hipose figurada, 300 réis por dia. De quanto tempo careceria ele para ajuntar os seis contos? Serlhe-iam necessarios 55 anos, salvo erro. Notando-se que o nosso homem não ganharia os 800 réis de jornal antes dos 13 ou 20 anos muito provavelmente, temos que ele só conseguiria reunir esse capital lá para os setenta e cinco anos de idade! Antes disso já o pobre diabo tinha morrido!

—Mas ha officios em que se ganha mais do que 800 réis diários—observou Anibal.

—Ha! Por exemplo o de serralheiro mecânico.

—Então já vês...

—Sim! pode ganhar uns 1\$000 réis... 1\$200 talvez... Mas admitamos: o serralheiro em questão poderá economizar 500 réis em cada dia, seja réis 180\$000 por ano. Levará portanto 38 anos e tal, a ajuntar o pecúlio; o que sucederá lá para os cinquenta e tantos de idade... Porém nós estamos fantasiando... porque ainda que seja possível viver com uma diária tão pequena, será indispensavel que o nosso homem não perca um unico dia de trabalho, que trabalhe domingos e dias feriados, que nunca esteja doente e que seja só, sem familia; e ainda com a condição de ser a sua alimentação sádia e adequada ás ezijencias do officio: porque desde que reduza as suas refeições para poupar, terá como consequencia o depauperamento de forças, a decadência da sua saúde e portanto a impossibilidade, mais cedo ou mais tarde, de continuar com semelhante officio ou mesmo outro menos penoso...

—Sim! com efeito! confirmou Anibal.

—Pois hem! Tu crês que com a diária de 500 réis se pode comer, vestir, calçar, ter roupa lavada e engomada, pagar ao senhorio e ao fisco, sem outro recurso além do que faculta o officio? Crês isto possível em Lisboa ou nas cidades em geral?

—Consta-me que ha quem viva com menos...

—Quem viva?! Se alguem vive com tal recurso, se isso é viver realmente, então tu és um indigno: porque estás abarro-

tando de tudo, rebentando de farto, quando afinal gastando menos, isso seria suficiente para viveres bem. Tu gastas pois mais do que deverias gastar e em prejuizo dos que querem comer e não podem por o não terem...

—Mas...

—Qual mas! Se esse homem vive (e eu entendo viver, a completa satisfação das necessidades fisicas, morais e intellectuais) se um homem vive com 500 réis por dia util, tu que fazes com o teu viver faustoso? E's nesse caso um ladrão confesso, um espoliador consciencial!

—Arre! diabo! E's forte e violento na tua linguagem! Se fosses outra pessoa, não ta admitiria...

—Deixemo-nos de lérias! Tu, ou concordas em que não é possível viver na verdadeira acção da palavra, com uma jorna tão ezigua, ou não concordas. Se concordas, nada mais temos que discutir; caso contrário, tu confessas indirectamente que tens sido um grande e indigno criminoso, visto a tua djaria ser de 200 vezes a do serralheiro.

—Mas espera lá! as necessidades não são as mesmas para todos os homens! objétou Anibal.

—Ha uma necessidade igual para todos: é viver. E não se vive com 500 réis, vejeta-se. Mas proseguindo: Tudo quanto temos estado a dizer cae pela base porque o proletario não é em geral sosinho: tem uma companheira e dois ou três filhos, se não mais, recebendo ao fim da semana uma fèria,

na melhor das hipóteses, de 4 a 5\$000 réis; da qual ha de sair tudo! Se êle, na fantasia que imaginei, vivendo só e com o jornal de oito tostões apenas, e economisando em cada dia os 300 réis, só lá para os 75 annos é que teria o capital preciso para passar a viver sem trabalhar, se é que chegaria a tal idade, como será isso possível tendo familia? E se tivermos em conta que, em geral, o salario não vai além de 700 a 800 réis, que o proletario não trabalha aos domingos, está muitas vezes doente, sofre frequentes falhas de trabalho em épocas de crise, etc., etc., sempre quero que me digas como é possível fazer economias que se vejam e cheguem para se viver á boa vida?

—Realmente parece-me difficil...

—Não é difficil! E' impossivel! E por consequencia essa cousa de economias, que os fartos nos pregam como medida de prudencia, é mais uma lèria com que adormecem as veleidades de pretensão dos famintos, tendente a conforma-los com a sua situação e faze-los atribuir, a si proprios, a culpa da sua miseria.

—Bem! está compreendido! E's implacavel, comentou Anibal batendo amigavelmente no ombro do amigo.

—Sou justo! replicou este.

—Final entretidos com a conversa nem apreciamos as belezas deste panorama! Olha! Que linda perspétiva! Apeem-nos e façamos uma parte da passeata a pé!

José Carlos de Sousa.

ACABA DE APARECER

Da Porta da Europa

FACTOS E IDEIAS

POR Neno Vasco

⌘ A questão religiosa ⌘ A questão politica ⌘
⌘ A questão economica ⌘ ⌘

Preço 500 réis

(pelo correio mais 75 réis)

A administração da Terra Livre satisfaz prontamente todos os pedidos que venham acompanhados da importancia respectiva.



Acaba do aparecer:

ERRICO MALATESTA

Entre camponezes

Propaganda socialista-anarquista

Tradução portuguesa (unica conforme o orijinal italiano) de Neno Vasco

64 paginas — Preço 50 réis

Deposito: Terra Livre para onde podem ser dirigidos todos os pedidos que serão prontamente satisfeitos, desde que os acompanhe a importancia respétiva.